

'Até Os Ossos'
ganha nova vida
no streaming

PÁGINA 4



Lenny Kravitz
lança nova faixa do
próximo álbum

PÁGINA 6



Jovens talentos do
piano internacional
no palco do Copa

PÁGINA 5



2º CADERNO

Por Affonso Nunes

Ela esteve presente nos melhores anos de minha juventude, alimentou boa parte da trilha sonora da minha vida e forjou minha educação musical. Mas não foi apenas comigo. Primeira rádio brasileira dedicada exclusivamente ao rock and roll, a Fluminense FM falou a toda juventude brasileira num difícil período da vida do país que vivia os últimos anos da ditadura militar cercada de expectativas, ansiedade e sonhos.

Diretamente de Niterói, a rádio revolucionou costumes, influenciando a juventude no modo de vestir, dançar e se expressar. Apresentou a seu público a fina flor do rock internacional (afinal, aonde se poderia ouvir Led Zeppelin, Deep Purple, Pink Floyd, Lou Reed e Clash num mesmo lugar?), que não dava as caras nas rádios da época, com uma programação democrática (anárquica, talvez) e adotava o arrojado costume de não repetir uma música da programação no mesmo dia. Se constituiu na plataforma de lançamento de toda uma geração de jovens artistas que viriam oxigenar a música brasileira, como Paralamas do Sucesso, Barão Vermelho, Legião Urbana, Lobão, Titãs e Blitz, entre tantos outros.

A história da Fluminense FM, a Maldita, já foi contada por seu criador e primeiro diretor, o jornalista Luiz Antonio Mello, em seu livro "A Onda Maldita" (1992). Mas a trajetória dessa emissora movida a lendários riffs de guitarra é tão fascinante que não poderia deixar de virar filme.

Entra em cartaz nesta quinta-feira (25) "Aumenta que é Rock'n'Roll", longa protagonizado por Johnny Massaro, com direção de Tomás Portella, roteiro de L.G. Bayão e produção de Renata Almeida Magalhães.

O longa acompanha a saga de um grupo de jovens sonhadores liderados por Luiz Antonio (Massaro) e Samuca (George Sau-



Reprodução



A fachada do extinto Canecão às vésperas da festa de aniversário de 2 anos da Fluminense FM, um show histórico

Inovadora, a Fluminense FM foi a primeira emissora a ter uma equipe com 100% de locutoras

Era uma vez a... MALDITA

Saga da Rádio Fluminense FM, a primeira rádio rock do Brasil e referência da cultura pop a partir dos anos 1980, chega ao cinema

ma): produtores, repórteres e locutores que toparam ir contra o padrão monocórdico das emissoras da época e se desdobraram para manter no ar a primeira rádio brasileira dedicada exclusivamente ao rock e com um time exclusivo de locutoras e apresentadoras, uma ousadia para a época.

O filme passeia pelo contexto histórico

da campanha das Diretas Já e pelos bastidores do icônico Rock in Rio de 1985, onde o destino de Luiz Antônio e de sua amada Alice (Marina Provenzano) é selado.

Com toda sua simbologia de rebeldia e inconformismo, o rock and roll e sua estética entram na história como personagem de peso além de compor a nostálgica trilha sonora do

longa de Portella com várias citações.

O elenco também conta com Orã Figueiredo, Silvio Guindane, Flora Diegues, Joana Castro, Clarice Sauma, Luana Valentim, Mag Pastori, Bella Camero, André Dale, Felipe Haiut, Saulo Arcoverde, João Vitor Silva, Cadu Favero e Charles Fricks.

Continua nas páginas seguintes

CORREIO CULTURAL



Divulgação Band

Guedes promete levar anunciantes para a atração

Após 4 anos, Edu Guedes deixa Band para voltar à RedeTV!

Edu Guedes vai sair da Band nas próximas semanas. A emissora e o apresentador estão negociando uma rescisão de contrato amigável entre as partes após quase quatro anos de parceria. Como o acordo é complexo, Guedes ficará no ar até que as partes cheguem em um meio termo. O objetivo é que isto aconteça até o fim

de maio. O tempo de negociação também é o período que a Band precisa para pensar em uma nova programação. O destino de Guedes será a RedeTV!, onde já trabalhou entre 2015 e 2020. O apresentador já teve reuniões com a direção da emissora e as conversas estão em estágio avançado.

Sem filtros

Lalin Witch apresenta a exposição 'Offence', no Espaço Cultural M.D. Gotlib, com obras inéditas, a partir desta quinta-feira (25), no Shopping Cassino Atlântico. A mostra propõe ao espectador entrar em contato com si mesmo, sem filtros.

A favorita

Desde que Eliana anunciou a sua saída do SBT no início do mês vários nomes surgiram nos bastidores como prováveis substitutos da apresentadora. Rebeca Abravanel, a filha número cinco de Silvio Santos tem a preferência do pai.

Al mare

Em meio a uma crise conjugal, Belo anunciou seu primeiro cruzeiro musical, o 'Belo Em Alto Mar'. O navio do pagodeiro sairá do porto de Santos rumo à rota do Sol, de 9 a 12, com cabines entre R\$ 2.748 a R\$ 14.748 por pessoa.

Polêmica

O comediante Arj Barker expulsou uma mãe e seu bebê de sete meses de uma apresentação durante o Festival Internacional de Comédia de Melbourne. Ele disse à mulher que o choro da criança estava interrompendo sua linha de pensamento.

CRÍTICA / FILME / AUMENTA QUE É ROCK AND ROLL

Sintonia fina de uma época

Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

E qualizado no diapasão da doçura pela montagem eletrificada de Marcelo Moares, "Aumenta Que É Rock'n'roll" é um painel geracional que evoca "The Wonders: O Sonho Não Acabou" (1996), de Tom Hanks, e o esquecido "Febre de Juventude" (1978), de Robert Zemeckis – dois estudos sobre os efeitos da canção numa turma de espinhas na cara.

A fotografia apolínea de André Modugno resgata uma Niterói de fins de ditadura como um cartão postal amarelado de saudade. E o roteiro contagiante de L.G. Bayão revisita aquela cidade numa mirada nostálgica e idílica, a partir da qual ela funciona como um oásis de resistência para a criação de uma cultura alternativa – a cultura roqueira.

Tomas Portella mistura (com sabedoria) soluções narrativas de seus filmes anteriores para mostrar o agito da polis niteroiense de outrora, relacionando-a a um Rio de Janeiro de fins de regime militar.

Ele toma o clima romântico emprestado de seu (brilhante) "Desculpe o Transtorno" (2016) e saca as movimentações frenéticas do thriller "Operações Especiais", que rodou em 2015. Do primeiro, ele bebe da fonte sentimental, de modo a retratar os laços conflituosos de querer e (nem sempre) poder amoroso entre o diretor da Maldita, Luiz Antonio (um Johnny Massaro com jeitão de Adam Sandler), e a locutora Alice (Marina Provenzano, com ares de Drew Barrymore).

Do segundo, sai um espírito cronista das vicissitudes de um



Reprodução

Divulgação

Luiz Antonio Mello no estúdio da saudosa Fluminense FM



O jornalista é vivido por Johnny Massaro em longa de Tomas Portella

país que, então, sofria quase duas décadas nas mãos do conservadorismo fardado.

Nesse timbre mais taquicárdico de mapeamento dos bastidores das transmissões, há uma sequência antológica na qual Luiz Antonio corre desenfreado para deter um vazamento de som no microfone da rádio, em que a equipe feminina rasga o verbo sobre os homens da emissora. É de quicar de rir.

Impagável é também a cena em que os jovens repórteres Luiz

Antonio e Samuca (George Sauma) se separam com um acidente trágico (e inusitado) nas ruas de Niterói em que o próprio Luiz Antonio faz uma ponta interpretando um transeunte a dialogar com os jornalistas. É o passado e o presente batendo ponto nas ondas da Maldita.

Impossível falar de "Aumenta que é Rock and Roll" sem citar sua trilha sonora nostálgico-afetiva com direito às músicas que o Brasil aprendeu a ouvir pelas ondas da Fluminense FM.

ENTREVISTA / L. G. BAYÃO, ROTEIRISTA

'Só a prática te garante o equilíbrio para não ser engolido pela onda'

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Divertido em AM, FM, Spotify e sobretudo na tela grande, "Aumenta Que É Rock'n'roll" é uma aula de História sobre cultura pop, dirigida com frescor por Tomas Portella, tendo como foco a rádio Fluminense FM e os feitos transgressores de seu artífice e diretor, o jornalista Luiz Antônio Mello. Sob a batuta dele, gerações de ouvintes aprenderam a amar AC/DC, Led Zeppelin, Dire Straits e toda a onda roqueira nacional, com Paralamas do Sucesso, Legião Urbana e ídolos afins. A aventura de colocar esse experimento no ar, nos fins da ditadura militar, virou filme, com Johnny Massaro no papel principal. A afinação do projeto se deve, e muito, ao trabalho de roteiro de um dos maiores bambas da escrita de filmes no país: L.G. Bayão.

Responsável por títulos de adesão internacional, como "Motorrad", Bayão comeu muito gubi e filme pipoca no café da manhã, o que lhe tira o medo de ser careta. Seu cinema se apoia em procedimentos de investigação dos personagens que cria – ou herda –, buscando dar a eles tridimensionalidade. A gente sofre com Luiz Antônio, não só por sua luta para manter de pé a Maldita (apelido de seu império radiofônico alternativo), como também por seus quiproquós afetivos com a locutora Alice – papel de uma inspirada Marina Provenzano.

No papo a seguir, Bayão rasga caretes acerca da atividade de quem vive como roteirista, criando uma trilha é autoral no ofício.



Divulgação

Uma das maiores grifes de roteiro do Brasil, L. G. Bayão assina 'Aumenta Que É Rock'n'roll', cinebiografia da Rádio Fluminense FM

De que maneira o espírito da "Sessão da Tarde" dos anos 1980 e 1990 se materializa no "Aumenta Que É Rock'n'Roll"?

L.G. Bayão: Eu cresci vendo aquelas aventuras escapistas da "Sessão da Tarde": "Ruas de Fogo", "O Último Guerreiros das Estrelas"... um pouco disso acaba vindo à tona nos roteiros. No filme da Maldita, acho que o ritmo e o estilo dos diálogos me

remetem aos personagens daquele filme do John Carpenter, "Os Aventureiros do Bairro Proibido". Lembra? Ágil, meio cômico... Mas as referências, por mais loucas que sejam, sempre se transformam de imediato quando lançadas na realidade surrealista brasileira - especialmente nos anos 1980, quando vivíamos à beira de uma explosão cultural, social e política. A rádio captou isso, ou foi um reflexo disso, não sei. Acho

que os dois.

Como é sintetizar uma época num roteiro painel como esse? Que pesquisa é necessária para isso?

Minha base foi o que vivi quando menino. Os anos 1980 foram minha infância. Tenho certo fascínio por tudo aquilo. A Rádio Fluminense, o Circo Voador, o Asdrubal... Já devo lido um zilhão de livros sobre a época, escutei todas as bandas. Adoro tudo dela. Sinto saudades de coisas que não vivi. O livro do Luiz Antônio Mello, "A Onda Maldita", foi meu livro favorito quando menino. Foi a base de tudo pra mim.

Que rock marcou a sua juventude e que rádio?

Os Beatles e os Ramones foram o início de tudo. Depois vieram as bandas BRock todas: Legião, Blitz, Paralamas... Escutava a Fluminense, claro. Montei uma rádio na escola com amigos. Tocávamos indie rock nos recreios. Lembro com carinho dessa época.

Você é uma grife de escrita de roteiro. Mas como você avalia hoje a profissão "roteirista" no Brasil? Que fragilidades a cercam?

Venho de uma época muito difícil, quase impossível, para quem almejava fazer cinema no Brasil: a era Collor. Então, quando vejo tantas possibilidades, tantas plataformas (cinema, streaming, TV aberta, internet), penso que o mercado abriu muito. Por outro lado, é preciso ser realista quanto à natureza do nosso ofício. É sempre incerto. É arte, né? Até Carlos Drummond de Andrade tinha um emprego. Então aos que almejam uma vida como profissional do audiovisual, um conselho: escrevam sempre. Mesmo que seja só para praticar. É nítida a diferença na qualidade do trabalho daquele que escreve pouco para aquele que não para de escrever. É como surfar: você pode até ficar em pé na prancha, mas só a prática te garante o equilíbrio necessário para não ser engolido pela onda.

Quais são seus próximos projetos?

Escrevi para Amazon um longa baseado nos crimes do Maníaco do Parque. Logo, logo, vamos começar a divulgá-lo. Também estou trabalhando na biografia do Thunderbird, VJ da MTV Brasil. Entre outros projetos, mas não posso divulgar ainda. Vem coisa boa aí!

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Poema para poetas e sobreviventes, “O Uivo” (1956) golfava verdade ao cartografar a América que se redesenhava com fome de soberania, a partir da segunda metade do século XX, alheia a quem ficou pela beira do caminho, ao dizer, pela boca barbuda de Allen Ginsberg (1926-1997): “Eu vi as melhores cabeças da minha geração destruídas pela loucura..... famélicos históricos nus, (...) pobreza, farrapos e olhos ocos e loucos sentaram fumando na escuridão sobrenatural dos apartamentos sem calefação flutuando pelos tetos das cidades, contemplando jazz”.

Esse é o clima, o da fossa beatnik (termo usado para descrever a literatura escrita com os pés pela geração de escritores e poetas errantes de Ginsberg), que encontramos nos EUA de “Até Os Ossos” (“Bones and All”), uma iguaria na obra (cada vez mais potente) do diretor italiano Luca Guadagnino. Ele volta às telas, hoje, com “Rivais”, estrelado por Zendaya. Com tal lançamento, sua obra pregressa volta a despertar paixões.

Cinco anos depois de sua consagração com “Me Chame Pelo Seu Nome” (Oscar de Melhor Roteiro Adaptado em 2018), o cineasta retomou parceria com Timothée Chalamet, um ator inquieto, a fim de desatar o nó autoral de sua filmografia: o desejo de “devorar” o outro. No idílico drama romântico que a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood premiou, Chalamet devorava a ideia de um amor perfeito, atirando-se nos braços de um orientando de seu pai.

Em “Suspiria” (2018), impecável remake que fez do cult lançado por Dario Argento em 1977, Guadagnino mostrava mulheres devorando almas, num ritual de bruxaria adequado à Guerra Fria. Na série “We Are Who We Are” (2020), ele mos-



Timothée Chalamet é o canibal do longa de Guadagnino

Uivo antropofágico

Streaming joga holofotes sobre ‘Até Os Ossos’, obra-prima de Luca Guadagnino, diretor do esperado ‘Rivais’

trava jovens se refestelando no apetite voraz pela descoberta, alimentando-se de experiências e desilusões.

Agora, nessa adaptação do

romance homônimo de Camille DeAngelis, roteirizada por David Kajganich, “devorar” significa comer carne de gente. Mas leia “canibalismo” como sendo um manifesto antropofágico. E poético.

Laureado no Festival de Veneza, em setembro, com o Prêmio de Melhor Direção e o troféu Marcello Mastroianni de Melhor Intérprete Revelação, conferido à interpretação algebrica da atriz Taylor Russell, “Até os Ossos” apresenta ao cinema uma nova raça de seres fantásticos: os Devoradores. Não confunda essa “espécie” com o Dr. Hannibal Lecter, o psicanalista vivido por Anthony Hopkins em “O Silêncio dos Inocentes”

(1991) ou com o psicopata da série “Dahmer: Um Canibal Americano”, lançada este ano pela Netflix.

Esses dois têm a compulsão de comer pessoas como reflexo de uma fratura perversa em sua psiquê. Os Devoradores de Guadagnino, entre eles a jovem Maren (Taylor) e o on the road Lee (Chalamet), são como vampiros: têm uma necessidade biológica de se alimentar de carne humana para sobreviverem. E têm uma série de habilidades inerentes a essa fome insaciável, como um olfato apurado.

O que Guadagnino propõe a partir dessa premissa da ordem do Sobrenatural é uma mistura de terror, filme de amor (daque-

les de suspirar) e road movie. É um cruzamento beat de “Terra de Ninguém” (“Badlands”, 1973), de Terrence Malick, com “Fome de Viver” (“The Hunger”, 1983), de Tony Scott (1944-2012).

Do primeiro, o cineasta toma emprestado o espírito cartográfico de estudar uma América profunda (e falida), com um casal alienado das normas morais, não por rebeldia teen, mas por uma insatisfação essencial. De Scott, ele pega emprestado sofisticação e um existencialismo melancólico. Não por acaso, usa “Atmosphere”, do Joy Division.

Em sua fotografia, assinada por Arseni Khachaturan (de “Beginning”), vemos o interior dos EUA num vazio pleno, num desolamento de cidade fantasma. Desse mundo desolado brota um monstro, Sully, um Devorador carente que Mark Rylance constrói nas raias do esplendor, a fim de nos lembrar que estamos, sim, diante de um thriller de horror. O horror da insaciabilidade. E ela uiva.

Festival Pianíssimo chega ao Brasil com quatro recitais a partir desta quinta no Copacabana Palace

Reaberto no ano passado, o elegante teatro do Copacabana Palace abre suas portas, a partir desta quinta-feira (25), para quatro recitais com jovens talentos internacionais do piano. O croata Jan Nikovich, o turco Can Saraç, o italiano Massimiliano Grotto e o russo Dmitry Shishkin são as atrações da temporada brasileira do Festival Pianíssimo, uma iniciativa da GES 2, a Casa da Cultura, fundação russa que trabalha com talentos de várias nacionalidades, em espetáculos itinerantes.

Fundado em 2017, o projeto apresenta as novas gerações de músicos internacionais para o público geral. Contando com apresentações nos principais palcos do mundo, como Teatro alla Scalla, em Milão, e o Carnegie Hall, em Nova Iorque. Além disso, o projeto se notabilizou por realizar apresentações em locais incomuns, a exemplo do Italian Sky-light Hall, dentro do Museu Hermitage em São Petersburgo e na GES-2, uma antiga central elétrica localizada no centro de Moscou, transformada em um espaço multicultural reconhecido como um dos mais modernos do mundo.

Os quatro músicos que se apresentarão na cidade tocarão em um piano de cauda Yamaha, referência em termos sonoros e acústicos.

Vencedor de muitas competições de prestígio, Jan Nikovich abre a programação nesta quinta executando peças de Jean-Phillipe Remeau, W.A Mozart, Claude Débussy, Franz Liszt, Alexander Scriabin e Tchaikovsky. O pianista se apresenta regularmente por toda a Europa, tanto em recitais quanto atuando como solistas em orquestras de renome. Atualmente é instrumentista da Royal Liverpool Philharmonic, sob a orientação do Maestro Domingo Hindoyan.

Nascido em Istambul, Can Saraç é a atração desta sexta. Trat-se de um pianista emergente, vencedor de vários prêmios em concursos internacionais. Em seu repertório, obras de Franz Liszt, Johannes Brahms e Frédéric Chopin. Com apenas 16 anos, atuou no Carnegie Hall, Nova Iorque, tocou o concerto de Beethoven no Teatro Mariinsky

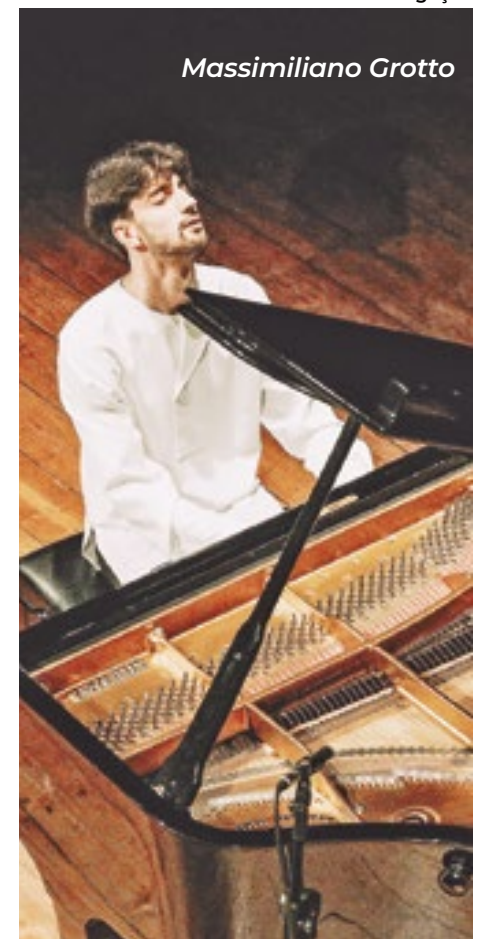


Divulgação

Dmitry Shishkin



Jan Nikovich



Divulgação

Massimiliano Grotto

Jovens virtuosos internacionais do piano se apresentam no Rio



Divulgacao

Can Saraç

com a Orquestra Mariinsky e, em 2023, tornou-se o mais jovem vencedor do prestigioso Prêmio Michelangeli da Piano Academy Eppan, na Itália.

Terceiro músico a se apresentar no Pianíssimo, na quinta-feira (2/5), Massimiliano Grotto formou-se na classe do renomado pia-

nista italiano Massimiliano Ferrati e estudou na Alemanha com o professor Arnulf von Arnim. Ganhou vários concursos e prêmios internacionais, com destaque para o Crescendo, em Nova Iorque, e o Euregio Piano Award, na Alemanha. Em seu recital, o jovem músico apresentará temas de Franz Schubert,

Mozart e Beethoven.

Nascido na Sibéria, Dmitry Shishkin fecha a programação do festival. Formou-se na Escola de Música Gnessim de Moscou para crianças superdotadas e estudou na Itália e na Alemanha. Shishkin venceu o Concurso Internacional de Música de Genebra e tocou com a Orquestra de la Suisse Romande. Os críticos celebram sua abordagem musical criativa e única com a qual alia excelência acadêmica com apreço popular. Em seu repertório, obras de César Frank, Piotr Ilitch Tchaikovski, Sergei Rachmaninoff e Serguei Prokofiev escritas para o piano.

SERVIÇO

SÉRIE PIANÍSSIMO

Copacabana Palace (Av. Atlântica 1702, Copacabana)

25 e 26/4 e 2 e 3/5, sempre às 20h

Ingressos entre R\$ 50 (meia) e R\$ 300

Lenny Kravitz na reta final para lançar 'Human'

Single com a faixa-título promete repetir o sucesso obtido com 'TK421'

Após dar início à era "Blue Electric Light" em outubro do ano passado, com o explosivo hit "TK421", Lenny Kravitz lançou em março mais uma prévia do novo álbum: "Human". A faixa, que ganha um clipe, já acumula mais de 200 mil streams e mostra toda a intensidade e a energia de um dos maiores rockstars dos anos 90. O álbum, o décimo-segundo do artista, será lançado no dia 24 de maio, pela BMG.

"Human" sucede um grande êxito de Lenny. "TK421" acumula mais de 5 milhões de streams e mais de 6 milhões de visualizações com seu videoclipe no Youtube. Além disso, o rockstar vive um ótimo momento em sua

Mark Seliger/Divulgação



vida profissional de modo geral. Foi imortalizado com uma estrela na Calçada da Fama, em Hollywood, e recebeu um Global Impact Award da Recording Academy, entregue pouco antes do Grammy deste ano. Kravitz também foi indicado ao Globo de Ouro de Melhor Trilha Sonora original com a música "Road to Freedom", do longa-metragem Rustin (Netflix).

O álbum "Blue Electric Light", descrito como atemporal, explosivo, romântico e inspirador, foi criado e gravado no estúdio de Lenny nas Bahamas, trazendo a marcante essência soul-rock do artista mais forte do que nunca. Kravitz é uma força criativa incansável, atuando como músico, escritor, ator e designer, e, nesse trabalho, mostra habilidades como compositor e produtor, além de ter tocado quase todos os instrumentos sozinho, contando mais uma vez com colaboração de Craig Ross. "TK421" e "Human" são duas das 12 faixas que compõem o disco, uma coleção de canções apaixonadas que solidifica sua posição como uma lenda do gênero.

'Human' sucede o elogiado 'Blues Electric Light', um dos mais elogiados da discografia de Lenny Kravitz

Kravitz tem mais de 30 anos de carreira e onze álbuns de estúdio. Seus discos venderam 40 milhões de cópias em todo o mundo. O cantor e multi-instrumentista ganhou quatro prêmios Grammy consecutivos, além de estabelecer o recorde de mais vitórias na categoria "Melhor Performance Vocal de Rock Masculino".

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Um samba alternativo

O cantor e compositor Chuengue antecipa seu primeiro EP solo, "Névoa-Nada", com um samba alternativo com um olhar da busca de algo além. "Eu Tenho Que Voar" ganha um lyric video e está disponível em todas as plataformas de música via Fogo no Paiol. "É uma canção que pouco a pouco vai te puxando para dentro dela, revelando camadas. Se apresenta como um samba comum, e numa crescente se desenvolve em instrumental e coro densos e cíclicos", conta o artista. O EP completo está previsto para maio.

Moses Gonçalves/Divulgação



Divulgação



Novas parcerias

Marianna, revelação do pop nacional, divulga o novo single "Me Deixa Lembrar", parceria com Sylvia Nazareth, sobrinha de Alcione. Inspirada pelo jazz e, principalmente, por Amy Winehouse, a faixa explora novas sonoridades e parcerias. Com todos os instrumentos gravados em estúdio de forma orgânica, "Me Deixa Lembrar" fala sobre amor e relacionamentos não assumidos: "Essa música é pra todo mundo que já foi enrolado, que era amado entre quatro paredes, mas jamais assumido na rua. Sinto que eu precisava muito falar sobre isso", conta Marianna.

Divulgação



Experiência auditiva

Criada a base de experimentação e liberdade criativa, a tecladista, compositora e produtora musical Thaysa Pizzolato apresenta seu mais recente single, "Gemini". Esta é a primeira estreia desde o EP "Low Hype Machine", marcando uma nova fase em sua carreira. Se a base é feita de synthwave e synthpop, ela incorpora elementos da world music e jazz, criando uma experiência auditiva única. No vídeo dirigido por Luiza Grillo com fotografia e edição de Nuno Perim, ela aparece replicada criando todas as camadas da música ao lado da baterista Maressa Machado.

Matheus Miró/Divulgação



O espetáculo 'Carioquinhas' é um convite à memória e preservação das coisas do Rio

A história do Rio para miúdos

Musical 'Carioquinhas' apresenta os acontecimentos mais marcantes da cidade

"Carioquinhas" narra a história do Rio de Janeiro para crianças, desde seu descobrimento até os dias atuais, destacando seus espaços culturais memoráveis e personagens icônicos, passando pelo Império, pela Capital Federal e chegando aos dias atuais, lembrando seus memoráveis espaços culturais, como o Cassino da Urca, o Maracanã e o Arpoador, além de seus icônicos personagens, como Dom João VI,

Carlota Joaquina, Estácio de Sá, Carmem Miranda, sambistas históricos e tantos outros que fazem do "ser carioca" algo único.

O espetáculo "Carioquinhas" é um convite à memória, preservação, sentimento, diversão e descontração: uma síntese do que é o Rio de Janeiro Além disso, o espetáculo visa mostrar as inúmeras belezas naturais do Rio. Tudo isso será contado pelo papagaio mais famoso, o nosso Zé Carioca, junto dos personagens: Sambinha, Chorinho, Bossa Nova e

Funkinho, entre outros da cultura e da história do Rio, com muito humor, músicas, torcidas de futebol, arte circense e criatividade, inseridos na exuberância da natureza, representada por meio de performances corporais.

No repertório, que será reproduzido ao vivo por instrumentos típicos do Rio de Janeiro, como pandeiro, cavaquinho, violão e flauta, temos os clássicos de Tom Jobim, Lamartine Babo, Dorival Caymmi, Zé Keti, Sinhô, João de Barros, Antônio Maria, Haroldo Lobo e Braguinha, que fazem uma crônica da vida e dos costumes do Rio de uma maneira divertida e peculiar.

O diretor Henrique Kaladan iniciou suas atividades no teatro

aos 17 anos, no Projeto Armorial, criado e dirigido por Ariano Suassuna, no Teatro de Santa Izabel em Recife. Em São Paulo, já formado em Artes Cênicas pela Escola de Arte Dramática EAD-USP, São Paulo, participou da Companhia Teatral de Paulo Autran e de Ruth Escobar. Foi dirigido pelos seguintes diretores: Fauzi Arap e Antônio Abujamra. Seus últimos trabalhos foram: "Bailei na Curva", de Júlio Conte, "O Pequenino Grão de Areia", de João Falcão e "O Homem da Vaca e o Poder da Fortuna", de Ariano Suassuna, "Nem Tudo Está Azul no País Azul", de Gabriela Rabello e "Frankenstinho", de Atílio Bari.

SERVIÇO

CARIOQUINHAS

Teatro dos 4 – Shopping da Gávea (Rua Marquês de São Vicente, 52 - Gávea)
Até 28/4, sábados e domingos (16h)
Ingressos: R\$ 90 e R\$ 45 (meia)

Clássico de Ariano Suassuna em fim de temporada

O espetáculo "O Auto da Compadecida", da In Cena Casa de Artes e Produções, encerra sua temporada nesta sexta-feira (26) no Teatro Candido Mendes, em Ipanema. O famoso texto de Ariano Suassuna (1927-2014), que já ganhou diversas montagens no teatro, cinema e TV, agora tem direção da dupla Claudia Ventura e Alexandre Dantas. A peça, que estreou em novembro, apresenta uma versão contemporânea deste clássico da dramaturgia brasileira, escrito em 1955.

Na montagem uma trupe de circo recria um retrato abstrato da região. Através das incríveis aventuras e confusões dos conhecidos e amados personagens João Grilo, o típico anti-herói brasileiro, e Chicó, seu fiel escudeiro, a peça aborda temas como a religiosidade popular, corrupção e desigualdade social, sempre com um tom de humor, ironia e irreverência característicos da obra de Suassuna.

Divulgação



'O Auto da Compadecida' em versão contemporânea

SERVIÇO

O AUTO DA COMPADECIDA
Teatro Cândido Mendes (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema)
Até 26/4, sexta-feira, às 20h
Ingressos: R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

'Fui desacreditada pela TV e inventei minha própria carreira'

Após recusar propostas de emissoras, Giovana Ewbank estreia spin-off de seu podcast, sucesso no YouTube, no GNT

Por Anahi Martinho (Folhapress)

Há quase dez anos, Giovana Ewbank propôs à TV um programa em que entrevistasse artistas e personalidades sentada em sua própria cama. A ideia não foi bem aceita, mas ela insistiu. Levou o projeto para o YouTube e, sozinha, fez acontecer.

De lá para cá, o canal Gioh cresceu e aquele primeiro programa de entrevistas se desdobrou em vários, em diferentes formatos.

Os funcionários já são mais de 60, enquanto o cenário "roots" da cama ficou no passado e deu lugar a quadros mais elaborados.

Hoje consolidada como apresentadora e empresária do ramo de entretenimento, dona de um canal com 5,3 milhões de inscritos, Giovana é constantemente procurada pelas emissoras que, lá atrás, esnobaram suas ideias. "Quando eu apresentava para a TV, era desacreditada", conta, em



Ricardo Bufolin/Globo



Reprodução YouTube

Fernanda Paes Leme e Giovana comandam nova atração no GNT

Giovana entrevista o marido Bruno Gagliasso na cama com ambos vestidos de unicórnio

entrevista à reportagem.

"Eu era uma jovem com muitas ideias que nunca eram tiradas do papel", lembra. "Então resolvi

inventar minha própria carreira. Fui para o YouTube e foi um estouro. Fui uma das primeiras a apostar no YouTube."

Depois de recusar alguns convites para levar seus podcasts à TV, ela aceitou a ideia do GNT de criar um spin-off do "Quem

Pode, Pod". O "Quem Não Pode Se Sacode" estreou nesta semana. Ao lado de Fernanda Paes Leme, sua parceira no canal, Giovana apresenta o novo formato.

"Tive alguns convites para levar o 'Quem Pode, Pod' à TV, e não só do grupo Globo. Recusei todos porque sabia que não funcionaria na TV", diz. "Até que o GNT apareceu maravilhosamente com esse projeto onde a gente podia continuar esse trabalho, mas com uma estrutura de televisão. A gente achou que funcionaria muito bem e resolveu embarcar nisso."

Um dos upgrades que a emissora proporcionou foi um estúdio com palco, plateia e mais convidados no programa. "No 'Pod', somos duas contra um e no programa são pelo menos três convidados por episódio. São mais informações, mais personalidades para lidar. E traz uma temperatura diferente, um ritmo diferente. É imediato. A gente entende o que funciona, o que a plateia gosta", avalia.

"O programa está leve, divertido, mas, ao mesmo tempo, falando sobre temas importantes, emocionantes, tem brincadeiras e sem perder nosso DNA", diz. "Acho que conseguimos trazer essa linguagem do 'Pod', mas de forma que as pessoas já chegavam ao programa preparadas para se abrir."

Somando todos os episódios da primeira temporada, são mais de 60 convidados, dos quais ela se enche de orgulho. "Conseguir bons convidados vem de uma credibilidade não só do canal, mas da nossa história", conta. "Sessenta convidados em um programa que ainda não estreou. É muita gente interessante, trazendo diversidade de idade, de pensamentos."

Mesmo na TV, Giovana não pretende deixar para trás a plataforma onde construiu sua carreira e fez suas ideias tomarem forma. "O YouTube é livre, quem vai ditar o termômetro do meu canal sou eu", afirma. "A relação com o público é mais próxima. Os convidados ficam mais à vontade, a gente fica mais à vontade."